

Quanto ao triste Portugal eu bem sei, que nos nossos dias não será nada, antes cada vez a peor, porque os homens vão lá peorando e não melhorando, como entretanto Deus pode mais que elles e o clima é lá melhor, se isso chegar a ser de forma, que a gente possa ir vêr as fazendas sem receio de ser morto, roubado, ou insultado, quando o João estiver educado, eu formo tenção de voltar, e então nos tornaremos a ver, e quando não aqui serei enterrado, e Portugal não terá os meus ossos, posto que um dia virá em que elle tenha o dobro da gente, em consequencia do bem, que eu lhe fiz — nós sabemos aqui o que por lá se passa porque é Paris como huma aranha, que sente o que se passa na sua theia, que he o mundo e o sabemos melhor do que em Lisboa — aqui se acha muita gente Portugueza Miguelista, e da nossa — todos vivem no seu rebanho sem offenderem o outro, assim lá fóra—os nossos Grandes são o Duque de Palmella, da Terceira, Marquez de Saldanha, Mousinho d'Albuquerque e filho e muitos outros—O Duque de Palmella tem sempre muitos a jantar, e a alguns todos os dias, entre estes aos Duque e Duqueza da Terceira e a papa é muito fina—nós em mez e meio temos jantado mais vezes fóra do que em hum anno de Lisboa—todo o meu trabalho he ver se faço aqui huma renda de duzentas moedas para o que der, e vier—se isto acontecer como espero dentro de dous annos, eu heide então ir a Portugal passar hum Inverno, quando já o Caldeira estiver enforcado ou fugido, e qualquer d'estas cousas não tardará muito ou eu me enzano muito — que dirão vocês se eu aqui adquirir huma fortuna, ou renda maior do que a de lá? dirão todos—O homem tem pele do Diabo—e alguns se morderão de inveja, entre tanto a cousa he provavel e não entra arte do Diabo, antes só favor de Deus, eu direi mais de vagar, mas por ora não quero apregoar victoria, se contudo acontecer, eu mostrarei, que se pôde ser feliz sem ser ladrão—tenho contudo uma cousa que me zanga, e he ver o Rapaz sem amor a Portugal, e eu formando com tanto cuidado e despeza huma educação que tanto podia aproveitar ao Reino, e que provavelmente nada lhe aproveitará, porque eu sou portuguez na carne e nos ossos, o que digo agora quando se não tracta de elleger Deputados; porque n'esse dia, se não com verdade, ao menos com gosto meu quero, que me chamem estrangeiro; e assim devem fazer e fizerão sempre os barbaros quando os quiz civilisar; mas a gente morre e as obras ficão, e elles morrerão, e as obras d'elles serão esquecidas e eu na Historia serei muito Portuguez e ainda mais nas bocas delles, quando já estiver morto — Saudades da Theresinha e João e das manas sou etc.

M.

E' de grande valia o precioso documento que acabamos de transcrever, apresentando o espirito de Mousinho na despreocupação do desabafo familiar, com o fito na educação do filho e na sorte futura do paiz, tendo em conta o valor da sua obra e a justiça tardia que viriam a tributar-lhe apoz a sua morte.

Vamos transcrever ainda uma outra carta que Mousinho dirigiu a uma das suas irmãs e que emquanto a nós, é, um outro modelo de simplicidade familiar, sahido da mesma penna que traçou os vigorosos relatorios dos decretos da Terceira.

S. Deniz 2 d'outubro de 1845.

Minha querida mana tive hontem a sua de 29 de Agosto porque esteve muito demorada ali, ou em Lisboa, porque as outras que tive com ella são de 20 do passado—eu já sabia da melhora da mana Francisca e a estimo muito e ella deve ter cuidado na bocca, grande regime, se quizer ter vida, e saude — tambem estimo, que o vigario vá bem e não creio que seja capaz de ajuntar dinheiro, em todo o caso he bom ganhá-o.

Estamos aqui desde o verão, e temos melhor saude, e o João trabalha muito, e a Fabrica (a) está fundada, e tudo depende do maior ou menor consumo, mas o que sahe he optimo e deve ganhar credito — quanto a agricultura temos boas ortaliças e muita pera, e no dia 15 d'este colhemos as de Inverno, que serão quatro cargas de macho ou 32 arrobas, a nossa vaca dá muito Leite, e os nossos animaes prosperão — eu poucas vezes vou a Paris, posto que se gasta huma hora de tempo e 80 reis de despeza — temos

(a) Esta fabrica era de productos chimicos, estabelecida em S. Denis, fundada e explorada por uma sociedade de que fazia parte o filho do estadista, João Mousinho da Silveira e Sebastião Bettamio d'Almeida, que posteriormente foi professor de chimica no Instituto Industrial de Lisboa e se tornou tão conhecido pelo seu talento e saber.

A empreza foi obrigada a liquidar em consequencia da revolução de 1848.—R. M.